

FORMAÇÃO DO SUJEITO NO DIZER VERDADEIRO E O MESTRE

Mayara Faria de Souza¹

Resumo: A presente investigação tem por objetivo analisar a formação do sujeito no dizer verdadeiro, e a responsabilidade do mestre nessa formação. Possui como questões norteadoras: é possível a formação do sujeito no dizer verdadeiro? Qual a incumbência do mestre nessa formação? O estudo, analisou as problemáticas expostas, a partir dos estudos realizados por Foucault, nos cursos ministrados no *Collège de France* entre os anos de 1982 a 1984. A investigação mostrou-se relevante, pois ao trabalhar com a parresia, Foucault questiona a formação dos sujeitos, a qual de acordo com seu pensamento deveria ser uma autoformação, ou melhor, práticas de si sobre si. E cabe ao mestre provocar o sujeito para a prática do cuidado de si, é responsabilidade do mestre conduzir o ser para a sua transformação em sujeito.

Palavras-chave: Formação; Sujeito; Dizer a Verdade; Cuidado de Si; Mestre.

FORMATION OF THE SUBJECT IN SAYING TRUE AND THE MASTER

Abstract: The present investigation aims to analyze the formation of the subject in truth telling, and the teacher's responsibility in this formation. Its guiding questions are: Is the formation of the subject in truth telling possible? What is the teacher's responsibility in this formation? The study analyzed the exposed problems, based on the studies carried out by Foucault in the courses given at the *Collège de France* between 1982 and 1984. The research proved to be relevant, because by working with parrhesia, Foucault questions the formation of subjects, which according to his thought should be a self-training, or rather, practices of the self about the self. And it is up to the master to provoke the subject to the practice of the care of the self, it is the master's responsibility to lead the being to its transformation into a subject.

Keywords: Formation; Subject; Tell the Truth; Take Care of Yourself; Master.

Introdução

Nos textos e cursos proferidos pelo filósofo francês Michel Foucault, o sujeito sempre teve uma certa centralidade, pois para Foucault o sujeito sempre esteve envolvido nas relações de poder. De acordo com Silva e Machado Júnior (2016) o sujeito, na perspectiva de Foucault, constitui-se a partir das relações de poder, as quais estabelecem a ordem do discurso, ou seja, o sujeito que fala, para Foucault

¹ Professora efetiva da Prefeitura Municipal de Bandeirantes-Paraná. Mestrado em andamento, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN Multicampi/UTFPR). Licenciada em Geografia (UENP). E-mail: mayarafariasouza7@gmail.com.

(1996) é, o sujeito que tem a autoridade, e, em nossa sociedade sabe-se desde cedo, que não se deve dizer tudo, ou ainda, não se tem o direito de dizer tudo.

Entretanto, há àquele sujeito que tem a coragem de falar tudo o que pensa, que se arrisca, e sabe dos perigos que essa prática pode acarretar, definido por Foucault (2010), como parresiasta. Visto que, a parresía é uma forma de dizer a verdade, a qual se tem associado o risco em assumir o enunciado da verdade, assim o parresiasta assume o risco em dizer a verdade, “os parresiastas são os que, no limite aceitam morrer por ter dito a verdade (FOUCAULT, 2010, p. 56).

Dessa forma, ao trabalhar com a parresía, com o dizer verdadeiro, Foucault questiona a formação dos sujeitos. Nesse sentido, o presente estudo tem o objetivo de analisar a formação do sujeito no dizer verdadeiro e a responsabilidade assumida pelo mestre nessa formação. As questões de pesquisa que nortearam a elaboração desse trabalho foram: é possível formar sujeitos no dizer verdadeiro? Qual a incumbência do mestre nessa formação?

Portanto, buscou-se realizar uma investigação bibliográfica, a qual procurou compreender as problemáticas expostas, principalmente a partir dos estudos realizados pelo filósofo francês Michel Foucault, nos cursos ministrados no *Collège de France* entre os anos de 1982 a 1984, intitulados: A hermenêutica do sujeito (1982), O governo de si e dos outros (1983) e a Coragem da verdade: governo de si e dos outros II (1984). No qual, o autor trata de questões, como a parresía, o cuidado de si, a formação do sujeito e a função do mestre.

Para isso, este artigo está organizado da seguinte maneira: a segunda seção comenta a importância do sujeito para os estudos do filósofo Michel Foucault; na terceira seção são apresentados os termos parresía e o cuidado de si nas obras de Foucault; na quarta seção é exposto a compreensão foucaultiana sobre a formação do sujeito no dizer a verdade, a quinta seção concebe a relação que o mestre exerce para a formação do sujeito, na sexta seção são expostas as considerações finais deste estudo.

O sujeito nos estudos de Michel Foucault

O sujeito nas obras de Michel Foucault sempre teve um lugar de destaque, de acordo com Souza (2011), é interesse teórico de Foucault a compreensão das práticas em relação as quais os sujeitos são constituídos. Nessa perspectiva, Foucault pretendeu constituir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano presente na sociedade. Para isso, de acordo com Souza (2011), ele precisou investigar os modos de objetivação dos sujeitos, as muitas formas de como os sujeitos podem ser convertidos em objeto para o pensamento, como também podem ser problematizados ou ainda tematizados.

Desse modo, para Veiga-Neto (2011) Foucault ao contrário de aceitar o sujeito como algo que sempre foi dado, como um ser que preexiste ao mundo social, dedicou-se ao longo de suas obras analisar não somente, como se formou a concepção de sujeito que é próprio da modernidade, mas também procurou compreender de que modo, os seres humanos por eles mesmos, se constituem como sujeitos modernos, ou seja, de que modo cada ser pode se tornar a entidade que é chamada de sujeito moderno. Para isso, Michel Foucault (2009), no texto “O sujeito e o poder”, comenta que seu principal objeto de estudo sempre foi o sujeito.

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos 20 anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de objetivação que transformaram os seres humanos em sujeitos (FOUCAULT, 2009, p. 231).

Nesse sentido, Foucault (2009) ao longo de seus trabalhos compreendeu as formas que o ser humano se transforma em sujeito, com isso analisou três modos. A primeira forma de investigação do sujeito, empreendida por Foucault (2009) foi tentar atingir a constituição de ciência, como, por exemplo, a objetivação do sujeito do discurso na gramática geral, na linguística e na filosofia, além disso na objetivação do sujeito produtivo, aquele que trabalha, nos estudos sobre as riquezas e a economia.

Na segunda parte, Foucault (2009) procurou estudar a objetivação do sujeito, no que chamou de práticas divisoras, ou seja, como o sujeito é repartido no seu interior, no que se refere aos outros. Esse processo acaba por objetivar o sujeito, como exemplos, o louco e o saudável, o criminoso e o bondoso.

No terceiro modo, o filósofo analisa o sujeito naquilo que consiste na maneira como o ser humano torna-se sujeito, por ele mesmo. Como exemplo, pode-se citar o domínio da sexualidade, de que forma os homens aprenderam a se identificar como sujeitos sexuais.

Dessa forma, não são as relações de poder que constituem o tema geral de seus estudos, mas sim o sujeito. Para Veiga-Neto (2011), Foucault, ao analisar cada uma dessas maneiras de subjetivação, identificou os três tipos de lutas sociais que sempre estão em ação, entretanto sua distribuição, intensidade e combinação variaram ao longo da história. Essas lutas são as “lutas contra a dominação (religiosa, de gênero, racial etc.); as lutas contra a exploração do trabalho e as lutas contra as amarras do indivíduo a si próprio e aos outros” (VEIGA-NETO, 2011, p. 111).

Nessa perspectiva, em seus últimos cursos no *Collège de France*, Michel Foucault ao analisar a parresía e o cuidado de si, argumenta sobre a importância da figura do parresiasta, do sujeito que não teme o dizer verdadeiro, e, com isso prática o cuidado de si. O que pode ser considerado, formas de transformação do ser humano em sujeito, como também uma maneira de o sujeito se libertar das amarras de uma sociedade opressora, que reprime a fala, principalmente a fala franca.

A parresía e o cuidado de si

A parresía é uma palavra de origem grega, muito estudada por Foucault nos cursos que ministrou no *Collège de France*, entre os anos de 1982 a 1984, e utilizada pelos filósofos gregos, que aparece pela primeira vez na literatura grega em Eurípedes.

Em suas falas a respeito desta temática, Foucault vai ao longo de seus cursos, discorrer na cultura grega com Sócrates, com os Cínicos, até chegar no Cristianismo, buscando apresentar a utilização e a formação da concepção de parresía e do parresiasta.

Em seu último curso, em 1984, ministrado no *Collège de France*, intitulado *A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II*, o autor procurou estabelecer o que seria a parresía. Na primeira aula deste curso, a parresía é definida como a fala da verdade, mas essa verdade seria a sua verdade, ou seja, sua opinião, essa

verdade que está vinculada ao que o ser pensa. Como ressalta Foucault, a necessidade de dizer a verdade sobre si mesmo.

Em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, quem diz a verdade, a forma do sujeito que diz a verdade. A análise desse domínio poderia ser chamada, o estudo das formas aletúrgicas. A aleturgia seria, etimologicamente, a produção de verdade, o ato pelo qual a verdade se manifesta (FOUCAULT, 2011, p. 04-05).

Nesse sentido, Foucault (2011) tem esse entendimento a partir do questionamento que está presente no cerne da filosofia ocidental, as relações entre o sujeito e a verdade. Primeiramente, essa perspectiva foi analisada nos termos clássicos, tradicionais, por meio de práticas e tipos de discursos, as quais procuravam falar a verdade sobre o sujeito. Posteriormente, o filósofo procurou compreender a mesma questão, das relações do sujeito e a verdade, agora sobre outra visão, não a respeito do discurso em que se pode dizer a verdade sobre o sujeito, mas sim sobre o discurso de verdade que o sujeito pode realizar sobre si mesmo.

Desse modo, o parresiasta seria a pessoa que fala a sua verdade, bem como o sujeito que se propõe à parresía, ao discursar de modo franco, e ao assumir tal postura, assume também a premissa da coragem. Ou seja, aquele que profere a verdade, corre o risco da reação de quem ouve ser negativa, ao passo de afirmar que quem diz a verdade pode colocar sua vida em perigo. Como Foucault (2011) salienta, “a parresía é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, como também naquele que ouve a verdade” (p. 13).

O ato da parresía, é um ato de coragem. O “dizer a verdade”, exemplificado por Foucault em seus últimos cursos, é um ato de arriscar-se a favor da verdade, arrisca-se a favor do coração: “o parresiasta será aquele que diz a verdade e que, por conseguinte, se distanciará de tudo o que pode ser mentira e bajulação” (FOUCAULT, 2010, p. 51).

O dizer verdadeiro é também uma virtude, um dever, no qual o sujeito está fadado a dizer a verdade: “um dos significados originais da palavra grega parresía é o dizer tudo, [...] traduzida, por fala franca. Essa noção de parresía, que era importante nas práticas da direção de consciência” (FOUCAULT, 2011, p.42-43). De fato, a

parresía é mais do que simplesmente dizer a verdade, é uma maneira de dizer a verdade.

Resumamos, a parresía é, pois, uma certa maneira de dizer a verdade, e é preciso saber o que é essa maneira. Mas essa maneira não pertence nem a erística e uma arte de discutir, nem à pedagogia e a uma arte de ensinar, nem à retórica e a uma arte de persuadir, nem tampouco a uma arte da demonstração. Ou ainda, não encontramos, creio, o que é a parresía, não podemos isolá-la, não podemos apreender o que a constitui nem na análise das formas internas do discurso nem nos efeitos que esse discurso se propõe obter. Não a encontramos no que poderíamos chamar de estratégias discursivas (FOUCAULT, 2010, p. 55).

Nesse sentido, a parresía não se resume a somente a estratégias do discurso, ou em uma maneira específica de se falar a verdade. É de fato o ato de falar a verdade e ocasiona implicações custosas para os que falam a verdade. Foucault (2010) analisa a parresía no aspecto que diz respeito sobre o risco que o interlocutor corre ao proferir a verdade. Ou seja, a parresía, o dizer verdadeiro somente acontece, quando o falar se transforma em um ato de coragem, ao colocar a vida do locutor em risco.

Para Foucault (2010), quando se analisa o que é a parresía, não se deve entendê-la como uma estrutura interna do discurso. A parresía precisa ser compreendida, como o efeito que o dizer verdadeiro pode gerar no locutor, ou melhor, qual o efeito de retorno que o dizer verdadeiro pode proporcionar no locutor, por meio do efeito que ele gera no interlocutor.

Dessa forma, a parresía precisa ser analisada no ponto sob o qual existe a ligação entre o locutor que diz a verdade e as consequências que podem acarretar sobre o fato de que ele falou a verdade. Para alcançar tal proeza do dizer a verdade é preciso primeiramente o cuidado de si, o ocupar-se consigo mesmo. Somente dessa maneira o sujeito terá o acesso à verdade, e com isso poderá proferir afirmações verdadeiras. O dizer-a-verdade do outro, como componente principal do governo que ele exerce sobre os seres, segundo Foucault (2010) é uma das condições necessárias para que os seres humanos possam formar um relacionamento adequado consigo mesmo, o que promoverá a virtude e a felicidade.

A existência de uma relação entre o dizer a verdade e o cuidado de si. Foucault (2010) descreve de diferentes modos o dizer verdadeiro, mas em especial analisa

profundamente o dizer verdadeiro socrático, no qual Sócrates relaciona o dizer a verdade com o cuidado de si. Nessa análise produzida pelo autor, é apontado duas formulações filosóficas desse cuidado de si ainda na Antiguidade.

Primeiramente, Foucault (2006) inicia com o Alcibíades de Platão, no qual o cuidado de si surge como a união entre a ambição política e o amor filosófico, o que o torna não o cuidado com o corpo, mas sim com a alma, que é o que possibilita ao corpo sua atividade. A alma nesta concepção, encontra-se como um espelho, que servirá para contemplação do elemento divino, que por meio desse encontrará as regras para um comportamento e ações políticas justas.

A segunda elaboração é o resultado de sua universalização durante o período helenístico e romano. O que a diferencia da primeira elaboração, é o emprego de quatro grandes problemas centrais, os quais envolvem o cuidado de si com a atividade política, a pedagogia, o conhecimento e, por fim o amor filosófico, ou seja, a relação com um mestre (FOUCAULT, 2006). Então, o cuidado de si é o fato de ocupar-se com você mesmo, de preocupar-se consigo mesmo, bem como a compreensão de uma ética na qual o sujeito irá direcionar suas atitudes a si mesmo, não com objetivo egoísta e narcisista.

Ao dizer que o cuidado de si se constitui pela ação do sujeito para consigo mesmo, Foucault (2006) implica-o, basicamente, em uma ação para com o outro. Quer dizer, ao cuidar de si, o indivíduo automaticamente estará cuidando do outro e do mundo.

O fato de cuidar de si mesmo, de não esquecer de ti mesmo, a necessidade de ocupar-se consigo mesmo. É nessa perspectiva, que se formulou a regra “conhece-te a ti mesmo”, a qual no texto de Platão, Apologia de Sócrates, Sócrates apresenta-se como a pessoa que essencialmente e originalmente, tem por ocupação a incumbência de incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidados consigo e não descuidarem de si (FOUCAULT, 2006).

Dessa forma, o cuidado de si é para que o sujeito possa tomar posse daquilo que lhe é de direito, para que tenha a possibilidade de falar francamente em meio a assembleia da cidade, e, para tanto, o sujeito necessita primeiramente cuidar-se de si, conhecer a si mesmo. Ou seja, somente poderá o sujeito usar de parresía, do dizer

a verdade, se for capaz de cuidar de si mesmo. Entretanto, deve-se compreender que existem diferenças na cultura de si antiga, para a cultura de si contemporânea.

De acordo com Gallo (2019), na antiguidade a cultura de si tinha como o objetivo a construção de si mesmo, ou seja, o cuidado de si tinha como finalidade um processo de subjetivação, e por meio desse o sujeito, em princípio assujeitado pelas relações de poder, torna-se capaz de agir por si mesmo, ao transformar-se e criar-se. O cuidado de si não era primordial ao sujeito, o cuidado de si é produzido, às vezes mais heterônoma, em outras vezes mais autônoma.

Ainda de acordo com Gallo (2019), a cultura de si contemporânea, refere-se a uma verdade intrínseca de si mesmo, não se refere, pois, a um processo de constituição de si mesmo, mas sim de uma suposta redescoberta de si. Dessa forma, o que busca fazer a cultura de si hoje, é retomar o acesso a si mesmo, o acesso a uma verdade interior, a qual pode ser descoberta por técnicas de acesso ao inconsciente. Portanto, tal procedimento é totalmente diferente das técnicas antigas de subjetivação como construção de si.

Foucault tinha clareza de que se há uma cultura de si em nossos tempos, ela é radicalmente distinta da cultura de si antiga que ele estudou. Isso implica que não podemos transportar o princípio do cuidado de si, central naquela cultura antiga, para nossos dias. Ele não faria qualquer sentido nessa cultura de si contemporânea, marcada por outros aspectos e centrada em outras práticas. Mas isso não significa que o cuidado de si não possa ser tomado como operador conceitual e analítico para uma leitura crítica de nosso presente. Ao contrário, aí reside seu potencial e aí está a riqueza daquilo que nos ofereceu Foucault com seu trabalho sobre a antiguidade (GALLO, 2019, p. 11).

Dessa maneira, apesar das contradições entre o cuidado de si da antiguidade, e o cuidado de si contemporâneo, bem como os estudos de Foucault terem sido realizados no século passado, e tratarem principalmente da antiguidade. Tais estudos podem sim ser abordados nos dias atuais, devido principalmente a riqueza de conteúdo que o filósofo proporcionou.

A formação do sujeito no dizer a verdade.

A parresía ou o dizer verdadeiro utiliza-se do cuidado de si, visto que é através do cuidado de si que o ser humano terá o acesso a verdade e ao dizer verdadeiro. Para alcançar tais conhecimentos, o indivíduo necessita passar por uma

transformação, na qual transforma-se em sujeito. É por meio, da filosofia e da espiritualidade que Foucault (2006) acredita ocorrer a elevação do sujeito, como também a possibilidade do acesso a verdade.

Foucault (2006) chama de filosofia, a forma de pensamento que se questiona sobre o que possibilita o sujeito ter acesso a verdade, o modo de pensar que procura determinar as condições e os limites para o acesso do sujeito a verdade. Dessa forma, ainda segundo o autor, essa determinação é chamada de filosofia, a qual acredita que pode ser chamado de espiritualidade, a união das buscas, das experiências que constituem o preço a ser pago pelo sujeito, para o acesso a verdade.

Então, a filosofia e a espiritualidade são mecanismo para o sujeito ter acesso a parresía, ou seja, o dizer verdadeiro. É por meio da parresía, que haverá a transformação e a formação dos sujeitos. Conforme Foucault (2010), é na prática da crítica a ilusão, do engano da lisonja, que a verdade se constitui, é por fim nesta prática que se encontra a transformação do sujeito, por si mesmo. Portanto, o ser somente se transformará em sujeito, por meio das práticas de si, sobre si.

Foram elaboradas uma série de fórmulas para os princípios do cuidado de si, como o “ocupar-se consigo mesmo, ter cuidados consigo, retirar-se em si mesmo, recolher-se em si, sentir prazer em si mesmo, buscar deleite somente em si, permanecer em companhia de si mesmo, ser amigo de si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 16).

Tais fórmulas, procuram caracterizar o cuidado de si, como habilitação do sujeito a ser capaz de ser pleno de si mesmo, ao torná-lo responsável pela busca. O ser pra formar-se sujeito, necessita partir de um processo de conhecimento de si, o princípio de ocupar-se consigo mesmo, essa busca será sua, é uma realização que deverá concluir sozinho. Essa experiência, poderá ser repetida em toda parte e por todos, segundo Foucault (2006, p. 146) “não havendo diferença de *status*, pode-se dizer que todos os indivíduos, em geral, são capazes de ter a prática de si próprios”.

Entretanto, mesmo com a possibilidade de todos praticarem tais técnicas do cuidado de si, é fato que somente alguns terão a capacidade de ocupar-se consigo mesmo, por isso a necessidade de o apelo ser lançado a todos. Uma vez que, para enfim cuidar de si, o homem precisa ser livre, mas livre no sentido espiritual, como

afirma Foucault (2006): um escravo pode ser mais livre que um homem livre, se este não estiver se libertado de todos os vícios, paixões, dependências, do qual seu interior ainda esteja preso.

Para o sujeito formar-se no dizer verdadeiro, para compreender a parresía, torna-se indispensável que o mesmo tenha sido libertado de toda a carga mundana, de todos seus vícios, de seus costumes de lisonja e bajulação, e que tenha a consciência dos conceitos do cuidado de si. Portanto, o cuidado de si é o ponto que o sujeito deve alcançar, no qual ele irá ocupar-se consigo mesmo, com isso terá o acesso a verdade e a possibilidade da fala franca, em meio a cidade. Todavia, serão poucos os que efetivamente são capazes de ocupar-se consigo mesmo, conforme Foucault (2006) a falta de coragem, de determinação, de resistência, incapacita a maioria de compreender a importância da tarefa do cuidado de si.

O princípio de ocupar-se consigo, deve ser replicado em todas as partes e para todos. A escuta e a efetivação da prática do cuidado de si serão fracas, por esse motivo que o princípio deve ser repetido em toda a parte (FOUCAULT, 2006). A figura do mestre possui um papel relevante, para que o ser humano se transforme em sujeito, e com isso compreenda o cuidado de si e tenha o acesso a verdade. Visto que, para Foucault (2006), quantos jovens Sócrates terá abordado na rua, para que alguns ouçam e compreendam o cuidado de si?

Essa menção, além de argumentar que nem todos estão preparados para o cuidado de si, também faz referência diretamente ao mestre, aquele que vai auxiliar os jovens a compreenderem a importância do cuidado de si. Apesar de que poucos possam compreender tal perspectiva, o mestre continua alertar a todos, sobre sua relevância.

O mestre no dizer a verdade

Michel Foucault encontrou na formação humana a motivação de seus estudos, o que está ligado à sua releitura da História. Dessa forma, para estudar o mestre em Foucault, é necessário entender qual a interpretação que o mesmo faz sobre o sujeito. Nesse caso, a compreensão que o filósofo tem de sujeito, é de que um ser humano somente se transformará em sujeito, por meio do acesso a verdade.

Por tanto, de acordo com Dalbosco, Rossetto e Marangon (2019), a percepção do mestre em Foucault relaciona-se a sua releitura da história ocidental do sujeito, por isso que ao mencionar o mestre em Foucault demanda recorrer a sua reinterpretação do sujeito. “Claramente, no curso de 1982, o filósofo procura uma nova maneira de entender o sujeito, um entendimento com potencial suficiente para contra-argumentar a noção moderna de sujeito” (DALBOSCO; ROSSETTO; MARANGON, 2019, p. 166).

Dessa forma, Foucault ao realizar uma série de críticas ao platonismo, ao cristianismo e a filosofia de Descartes, indica que essas filosofias compreendem a constituição do sujeito de maneira equivocada. No modelo platônico, o sujeito deve renunciar a si mesmo; no modo cristão busca promover o sacrifício de si; e, por fim, no modelo da filosofia de René Descartes, entende-se o sujeito com a capacidade de um *a priori* de verdade, enquanto representação da filosofia moderna (DALBOSCO; ROSSETTO; MARANGON, 2019). Dessa forma, para Foucault a única forma de estabelecimento dos meios para a subjetivação do sujeito, seria pelo resgate da espiritualidade.

A espiritualidade postula que a verdade jamais é dada de pleno direito ao sujeito. A espiritualidade postula que o sujeito enquanto tal não tem direito, não possui capacidade de ter acesso à verdade. Postula que a verdade jamais é dada ao sujeito por um simples ato de conhecimento, ato que seria fundamentado e legitimado por ser ele o sujeito e por ter tal e qual estrutura de sujeito. Postula a necessidade de que o sujeito se modifique, se transforme, se desloque, tome-se, em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo, para ter direito a [o] acesso à verdade (FOUCAULT, 2006, p. 19-20).

Ao resgatar a espiritualidade, o ser somente terá acesso a verdade através de sua modificação, de sua transformação em sujeito, posto que, a verdade forma e transforma. Nesse sentido, o mestre ao ser inserido na espiritualidade, procura contribuir para que o indivíduo parta de um estado de não sujeito, para um estado de sujeito, o qual é proporcionado por meio da prática do cuidado de si. O que na realidade seria uma autoformação, visto que tanto o acesso a verdade, quanto a sua conversão, são ações de si mesmo sobre si (DALBOSCO; ROSSETTO; MARANGON, 2019).

[...] o mestre não é mais o mestre de memória. Não é mais aquele que, sabendo o que o outro não sabe, lhe transmite. Nem mesmo é aquele que,

sabendo que o outro não sabe, sabe mostrar-lhe como, na realidade, ele sabe o que não sabe. Não é mais neste jogo que o mestre vai inscrever-se. Doravante, o mestre é um operador na reforma do indivíduo e na formação do indivíduo como sujeito. É o mediador na relação do indivíduo com sua constituição de sujeito (FOUCAULT 2006, p. 160).

Por isso, para Foucault (2006), o mestre torna-se necessário, o sujeito não pode ser o agente de sua própria transformação. Rancière (2018) em seu livro *Mestre Ignorante*, vai demonstrar as cinco lições sobre a emancipação intelectual, no qual coloca a relevância do mestre para a emancipação intelectual do ser humano. Segundo o autor o mestre é vigilante e paciente, ele perceberá quando seu aluno necessita de ajuda, e o colocará no bom caminho, dessa forma a figura do mestre indireta ou diretamente é fundamental, para que o discípulo possa alcançar sua autonomia intelectual.

O mestre então, tem por função despertar, incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, como aborda Foucault (2006, p. 10-11): “Sócrates diz que, na atividade que consiste em incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, ele desempenha, relativamente a seus concidadãos, o papel daquele que desperta”.

O caminho que Foucault percorre para repensar o “sujeito” permite, agora, entender onde, por que e de que forma se põe a “figura do mestre”. De modo geral, o “mestre” foucaultiano se inscreve nesse contexto: ao se buscar o “mestre” de Foucault na “A Hermenêutica do Sujeito”, é preciso entender que a intenção desse curso é a busca por uma nova interpretação do sujeito, que, por sua vez, requer outro ponto de partida, que não aquele fundado no “conhece-te a ti mesmo” – *gnôthi seautón* –, mas fundado no “cuidado de si” – *epiméleia heautoû* –, que demanda uma concepção de “acesso à verdade” distinta, que inclua, por excelência, a transfiguração ética do sujeito. Por consequência, o mestre, em Foucault, não se entende como aquele que conduz o indivíduo de um estado de ignorância para um estado de não-ignorância, como previsto na formação entendida pela ótica do saber de conhecimento. O mestre, quando pensado pela perspectiva do saber de espiritualidade, dedica-se a contribuir para que o indivíduo saia de um estado de não-sujeito para um estado de sujeito, possível graças à prática do cuidado de si, que, ao exigir o retorno da verdade sobre o sujeito, é, conseqüentemente, autoformação, pois tanto o acesso à verdade quanto a conversão desta sobre ele é um exercício de si mesmo sobre si mesmo (DALBOSCO; ROSSETTO; MARANGON, 2019, p. 168).

Ao mestre cabe a determinação de provocar o outro ao cuidado de si, conforme assevera Foucault (2006, p. 11), “o cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens e constitui um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência”. Tal é a função do mestre,

aplicar-se em gerir também sua relação com o discípulo, uma vez que o discípulo precisa colocar-se a cuidar de si, por meio deste ter o acesso a verdade.

Considerações finais

Para concluir, retoma-se as perguntas norteadoras dessa investigação, é possível a formação do sujeito no dizer verdadeiro? Qual a incumbência do mestre nessa formação? O estudo realizado, teve como objetivo principal analisar a formação do sujeito no dizer verdadeiro e a responsabilidade assumida pelo mestre nessa formação. Dessa forma, por meio de diferentes trabalhos de Michel Foucault, pode-se confirmar a possibilidade da formação do sujeito no dizer a verdade, contudo para isso ocorrer é necessário, que o ser, primeiramente se modifique em relação ao acesso a verdade. De fato, segundo Michel Foucault o ser humano somente se transformará em sujeito a partir do momento, em que assuma o posicionamento do cuidado de si, para que enfim tenha o acesso a verdade.

Para tanto, o ser precisará de um mestre, aquele que de acordo com Foucault (2006) tem o papel de mediador, aquele que irá mediar a relação do indivíduo com sua constituição como sujeito, ou seja, o mestre será um condutor na transformação, e, na formação do ser humano como sujeito. Entretanto, o mestre necessita administrar sua relação com seus discípulos, uma vez que, na prática essa formação acontece como uma autoformação, pois toda a cerne do cuidado de si, como acesso a verdade e ao dizer verdadeiro, são ações de si sobre si.

Desse modo, o papel do mestre é decisivo, para a técnica de autoformação. Visto que, o discípulo não conseguiria sair sozinho de seu estado de estultícia, o estado de ignorância. O discípulo não tem a capacidade de sozinho, chegar à conclusão de que precisa dispor-se a ocupar-se consigo mesmo (ROSSETTO, 2018). O aprendiz, em seu estado de estultícia, não conseguiria iniciar o cuidado de si, sem a presença do outro. Ser o operador de seu próprio cuidado, não é o resultado de sua independência, mas sim que o cuidado de si, requer imediatamente a presença segura do mestre.

Assim, a autoformação é o exercício do cuidado de si, pois quando o ser cuida de si mesmo, ele passa por um processo de transformação e torna-se sujeito, por

meio desse processo terá o acesso a verdade e ao dizer verdadeiro, que se pode concluir que seja benéfico a sociedade, visto das vantagens que a mesma poderá dispor caso tal prática seja realmente incluída em seu meio.

Referências

DALBOSCO, C. A.; ROSSETTO, M. S.; MARANGON, M. L. A figura do mestre em Goethe e Foucault. **Ver. Educ. PUC**, Campinas, v. 24, p. 157-173, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/4091/2737>. Acesso em: 12 maio 2021.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso no *Collège de France* (1981 – 1982). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 231-249.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. curso no *Collège de France* (1982 – 1983). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no *Collège de France* (1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GALLO, S. Michel Foucault e a construção conceitual do cuidado de si. **Linha Mestra**, Campinas, n. 37, p. 3-85, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/176/217>. Acesso em: 12 maio 2021.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

ROSSETTO, M. S. **A mestria socrática do cuidado de si e a formação como autoformação**: um estudo com Michel Foucault. 2018. 141f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2018.

SOUZA, W. L. Michel Foucault e o uso filosófico da história. **Revista Páginas de Filosofia**, v.3, n. 1-2, p. 49-66, jan./dez. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229069099.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.



SILVA, G. F.; MACHADO JÚNIOR, S. S. A construção do sujeito em Michel Foucault. **Entreletras**, Araguaína, v. 7, n. 1, p. 200-210, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/1488/pdf>. Acesso em: 10 de maio 2021.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.